

As dificuldades nas regiões semiáridas são iguais para homens e mulheres?

Por *Claudia Martins, Flávia Campos Martins, Maura Machado Silva*



Em diferentes partes do mundo, além de cuidar de crianças, idosos e doentes, as mulheres são responsáveis pelo sustento da família. / Foto. Otávio Nogueira - Flickr

As regiões áridas são locais onde a **evapotranspiração** é maior que as chuvas, ou seja, com as altas temperaturas, pelo menos durante o dia e pelo menos em parte do ano, as águas superficiais —e a água presente nos seres vivos— evaporam-se, transformando-se em água no estado gasoso, muito mais do que o processo contrário, sua condensação, gerando as chuvas. Dizemos que no sertão a chuva é

de baixo para cima! Dessa forma, criam-se déficits hídricos, em maior ou menor volume, dependendo do local.

Foi criado um índice de aridez, de onde quatro categorias são derivadas e classificadas: regiões hiperáridas, áridas, semiáridas e subúmidas secas. As regiões semiáridas são as mais abundantes e ocupam 15,2% do mapa global¹. Possuem 14,4% da população mundial, 54% das áreas de pastagem e 35% das áreas cultivadas do nosso planeta¹. Falamos de áreas extremamente sensíveis às mudanças climáticas, por sua variabilidade hídrica natural, intensivamente utilizada e exaurida para pastagem e agricultura, muitas vezes de forma intensiva, e não para agricultura familiar e de subsistência, como feita pelas comunidades tradicionais, de fundo de pasto².

Vemos esse semiárido cada vez mais sujeito à desertificação, com um solo paulatinamente degradado e pobre onde sementes não conseguem germinar e plantas dificilmente conseguem crescer e se manter. Também com um processo de salinização crescente: em função das maiores taxas de evaporação, há maior concentração de sais, o que dificulta a manutenção e produtividade de plantas nesse solo e regiões.

Com o solo degradado, salinizado, imaginem como está o pouco de água que se consegue represar nesses locais. É uma água salobra, e quando disponível, com resquícios de produtos usados na agricultura. Viver nesse semiárido, que está virando árido, é tarefa cada vez mais difícil! Consequentemente, muitos homens saem de casa para buscar trabalho nas cidades, às vezes em outros estados, muitas vezes não voltam e fica para a mulher a tarefa de manter e “salvar” a família.



Destilação tradicional em Carneiro, província de Manica, Moçambique. Nas comunidades rurais africanas, as mulheres utilizam produtos locais, conhecimentos e recursos naturais para garantir a segurança alimentar da família. / Foto: Ton Rulkens - Flickr

Esta realidade, difícil, cruel, desigual, quase toda nas costas das mulheres, ouvimos em todos os relatos que colhemos nas 12 entrevistas que fizemos com mulheres de alguns dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Portugal, durante o VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa³, que aconteceu em Manaus, de 21 a 25 de julho de 2025. Nosso objetivo foi triplo: identificar, descrever e entender os desafios comuns e específicos às mulheres;

as causas por elas percebidas como subjacentes desses desafios; e mapear o que elas já fazem para mudar suas realidades.



Durante o VIII Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa, foram realizadas diversas atividades que

permitiram a troca de experiências e a recolha de informações para caracterizar os problemas relacionados com os desafios enfrentados pelas mulheres em regiões semiáridas. / Foto: Claudia Martins, Flávia Campos Martins, Maura Machado Silva.

Selecionamos mulheres da sociedade civil, gestão pública e academia, que atuam em seus territórios promovendo melhoria da vida de outras pessoas. Com elas e participantes presentes no evento, compilamos as causas para os desafios que as entrevistadas relataram.

Desafios incluem a fome, a seca, a falta de recursos, a violência sofrida, seja violência doméstica, física, verbal ou emocional, seja violência na sociedade, de não poderem ocupar espaços de tomada de decisões, de serem invisibilizadas, junto com seus problemas. Por exemplo, muitas mulheres trabalham no campo - mas não há banheiros para essas mulheres no campo. As associações de produtores são majoritariamente de homens - as mulheres não participam e não são convidadas a participar. A educação no campo é quase exclusivamente direcionada aos homens. Muitas mulheres têm gravidez e casamentos prematuros e abandonam os estudos. Acúmulo de funções para as mulheres é outra dificuldade real, que ultrapassa as fronteiras dos semiáridos.

No evento integrado ao Congresso, **“Educação ambiental e questões de gênero nos semiáridos da lusofonia”**, reunimos com 15 pessoas presencialmente em Manaus e quase uma dúzia participando remotamente de vários lugares e países. A partir de uma primeira exposição dos desafios e do contexto dos semiáridos, dividimos três grupos para discutir e definir as causas para os desafios que as mulheres enfrentam nos semiáridos.

Causas apontadas: o machismo estrutural, que sustenta toda a nossa sociedade; o sistema econômico vigente (capitalismo), que realça essas diferenças entre os gêneros e que ganha com as mulheres

trabalhando mais que os homens, sem ganhar proporcionalmente mais, tendo acúmulo de tarefas e achando que isso é dever indissociado do sexo feminino; também a igreja e as religiões que enfatizam as diferenças de papéis entre os gêneros.



O formato virtual permitiu uma participação mais ampla de mulheres de diferentes partes do mundo nas conversas que nortearam o desenvolvimento do evento. / Foto: Claudia Martins, Flávia Campos Martins, Maura Machado Silva.

Parece ser interessante para esse sistema capitalista e para as instituições que a mulher continue gerando filhos precocemente, pois garante mão-de-obra barata e facilmente recrutável, já que não terá muitas opções em um contexto de pobreza, vulnerabilidades e limitações.

A falta de acesso à educação também apareceu como fator que mantém as mulheres nesse ciclo de repetição e de não rompimento do machismo e da pobreza. Sem uma educação emancipatória, as mulheres não veem outras possibilidades e não percebem que são

vítimas de abuso, que precisam denunciar, que precisam dar o primeiro passo para mudar suas realidades. Mesmo quando há acesso à educação, a discussão de gênero é incipiente e tímida, quando há.

Precisamos ampliar essas discussões. Dar visibilidade às mulheres e às suas questões. Somente quando, nós, mulheres tivermos os mesmos direitos e os mesmos espaços políticos, de fala, de trabalho, de ser e de estar no mundo, independente da roupa, da cor do cabelo, da maquiagem (ou sua ausência), da forma como queremos nos expressar, só então haverá um mundo livre, solidário e justo! Quando todas, todos e todes tiverem direitos assegurados e acessos às mesmas coisas que nos permitam expressar a humanidade e a cidadania.



É fundamental manter ativas as conversas relacionadas ao papel das mulheres na governança dos territórios, especialmente daqueles que são mais vulneráveis a

fatores como as mudanças climáticas e a desertificação, entre outros. / Foto:
Claudia Martins, Flávia Campos Martins, Maura Machado Silva

Mais informações

1. United Nations. (s. f.). Why now? United Nations. Recuperado em 7 de novembro de 2025, de https://www.un.org/en/events/desertification_decade/whynow.shtml
2. Recomendamos Bianchini, F.; Lima, P.H.C; Barreto, R.M.F. Comunidades tradicionais de “fundo de pasto”: manejo da agrobiodiversidade de la Caatinga en los territorios historicamente ocupados por las comunidades de “fundo de pasto no sertão do São Francisco baiano”. In: da Cunha, M.C.; Magalhães, S.B.; Adams, C. (Org.) Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. p. 77-126. São Paulo: SBPC, 2022.
3. Rede Lusófona de Educação Ambiental (RedeLuso) (2025). Congresso Internacional da Associação de Estudos dos Países de Língua Portuguesa (EALusófono). Recuperado el 7 de noviembre de 2025, de <https://www.ealusofono.org/>

Edição: David González, Ángela Gutiérrez C.

Colaboração: Gabriela Doria.

Citação: Martins, C., Martins, F., Silva, M. 2025. *As dificuldades nas regiões semiáridas são iguais para homens e mulheres?* Revista Bioika, edição 12. Disponível em: <https://revistabioika.org/pt/transformando-o-mundo/post?id=174>